

CARTAS REFLEXIVAS: UMA FERRAMENTA PARA A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Rafael Santos Carrijo
Carmen Lúcia Reis

(Universidade Federal de Uberlândia – UFU - Uberlândia-MG)

Resumo

Vivendo num cenário de constantes inovações tecnológicas nas profissões e no mercado de trabalho, nos deparamos com a necessidade de criar novas formas de intervenção em Orientação Profissional. Assim, o objetivo desta proposta é apresentar as Cartas Reflexivas enquanto uma ferramenta interventiva para esse campo. Para isso, trazemos o relato de uma experiência realizada num cursinho pré-vestibular alternativo da cidade de Uberlândia-MG e na Clínica Psicológica da UFU, em que a utilização das cartas permitiu trabalhar medos e receios relacionados à escolha de uma profissão, ao mesmo tempo, que auxiliou na descoberta de recursos e de potencialidades, bem como na criação de diferentes sentidos sobre questões relacionadas ao vestibular e a preparação para o ingresso no Ensino Superior.

Palavras-chave: orientação profissional; escolha profissional; vestibular; intervenção psicológica.

Abstract

Reflective letters: a tool for professional guidance

Living in a scenario where constant technological innovations affect professions and labor market, we face the need of creating new methods of Professional Guidance interventions. This paper presents Reflective Letters as an interventional tool for Professional Guidance. To accomplish that, we bring the account of experiments performed with students of an alternative course for preparation to entrance examinations, and with attendants of the Psychological Clinic of Federal University of Uberlandia, both in the city of Uberlandia/MG. The utilization of Reflective Letters allowed working through fears and concerns related to the choice of a profession. Reflective Letters also helped when discovering resources and potentialities of the individual, as well as when creating different meanings for doubts related to entrance examinations and the preparation to attend higher education institutions.

Keywords: professional guidance; occupational choice; student admission criteria; psychological intervention

Introdução

A escolha de uma profissão pode ser considerada hoje como uma das principais condições para a sobrevivência

em sociedade. Porém, para um grande número de pessoas, essa é uma das tarefas mais difíceis de serem realizadas. Nos últimos tempos, com a criação de novos cursos profissionais, bem como com a

escassez de empregos e as mudanças nos processos seletivos de ingresso no Ensino Superior, os jovens têm se deparado cada vez mais cedo com a escolha de uma profissão e com o ingresso no mercado de trabalho, e isso tem gerado muitos medos e inseguranças.

A Orientação Profissional se insere nesse contexto, como uma área que visa auxiliar/ facilitar o processo da escolha de uma profissão, seja fornecendo informações, ou ainda contribuindo para a compreensão de questões contraditórias envolvidas nesse campo, ou até, oferecendo um espaço de reflexão sobre si mesmo (gostos, preferências, aptidões, entre outros). Segundo Aguiar, Bock e Ozella (2002), a função do psicólogo num serviço de Orientação Profissional é a de promotor de saúde, que constroi juntamente com seus clientes meios para que esse se conheçam e entendam os múltiplos aspectos que compõem a escolha profissional.

Cursar uma universidade, hoje, mais do que um sonho ou uma possibilidade de ascensão social, significa cumprir um ritual “inicial” de ingresso no mercado de trabalho. Porém, contraditoriamente a essa situação, temos visto, principalmente a partir de 1990, um grande número de pessoas com diplomas de nível superior que não encontraram

espaço no mercado de trabalho. Lassance e Sparta (2003) acreditam que há algumas décadas atrás, um diploma universitário significava uma garantia de emprego, de uma boa remuneração salarial e de colocação no mercado de trabalho; no entanto, hoje, a situação parece ser bem diferente: cada vez mais temos um menor número de empregos e um maior número de inovações tecnológicas, que transformam constantemente as atribuições e ocupações profissionais, bem como as relações de trabalho. Essas transformações têm exigido um funcionário mais flexível e com um maior número de características e “competências” variadas para exercer sua função. Em outras palavras, tem se buscado um profissional “mais especializado” e a responsabilidade pelo desenvolvimento dessas características e “competências especializadas”, recai sobre a figura do trabalhador, que é visto como o único responsável pelo sucesso ou pelo fracasso de sua carreira profissional. Assim, nesse jogo pela “sobrevivência do mais forte”, do mais especializado, do mais apto, daquele que tem mais títulos, encontramos muitas pessoas receosas ou até angustiadas em realizar uma escolha profissional, com medo de não fazerem uma escolha adequada e/ou satisfatória. Diante disso, o trabalho de Orientação Profissional surge como uma possibilidade

de intervenção, que visa, antes de tudo, apresentar e problematizar informações referentes a cursos universitários, ao mercado de trabalho, ao vestibular e as características pessoais, bem como promover reflexões que possibilitem às pessoas se perceberem como sujeitos singulares, mas que são constituídos ao longo de um processo sócio-histórico (Aguiar, Bock & Ozella, 2002).

Nessa perspectiva, propomos aqui uma proposta de trabalho alternativa ao uso de testes psicológicos, historicamente utilizados em atendimentos de Orientação Profissional. Especificamente, nos pautamos por uma orientação frente à escolha profissional ligada à Psicologia Escolar, e que entende o psicólogo como um profissional que tem o compromisso ético de refletir sobre o seu saber e fazer, de forma a desenvolver uma atuação criativa e sensível às demandas sociais.

Dessa maneira, organizamos este texto de maneira a apresentar, primeiramente, o nosso foco de trabalho em Orientação Profissional. Em seguida, trazemos um encontro entre a Psicologia Escolar e a nossa proposta. Após isso, comentamos sobre o uso de cartas como possíveis ferramentas a serem usadas em atendimentos psicológicos. Feitas essas apresentações, destacamos o objetivo do trabalho, bem como os passos

metodológicos e as nossas impressões (“avaliações”) sobre a utilização das cartas como recursos interventivos.

O trabalho em Orientação Profissional

Como já foi comentado anteriormente, o serviço de Orientação Profissional tem como objetivo principal facilitar o momento de escolha profissional e ajudar na reflexão dos aspectos que atravessam essa escolha.

Lucchiari (1992) propõe algumas etapas para esse trabalho de facilitação, entre elas podemos citar: 1) o conhecimento de si mesmo; 2) o conhecimento das profissões; e 3) a escolha propriamente dita. O conhecimento de si mesmo ou autoconhecimento implica em levar o orientando à reflexão sobre “quem ele é”, “quem ele foi”, “quem gostaria de ser daqui alguns anos”, “qual seu projeto de vida” (“o que deseja conseguir e realizar ao longo da vida”), seus gostos e preferências pessoais, suas características marcantes, suas habilidades, expectativas pessoais e familiares, entre outros. O conhecimento das profissões, por sua vez, implica no orientando apreender informações sobre os diferentes cursos universitários existentes, bem como as atribuições de trabalho de cada profissão, o

funcionamento do mercado de trabalho, e ainda, realizar entrevistas com profissionais da área pretendida, de maneira a se aproximar do universo profissional pretendido. Finalmente, a escolha propriamente dita, está relacionada à compreensão da escolha como uma decisão pessoal, particular, que deve ser viabilizada em termos de ação do orientando, isto é, “o que ele precisa fazer para alcançar seus objetivos”. Além disso, quando se trabalha focando-se na escolha, é preciso convidar o orientando a focar-se no curso escolhido (como é esse curso que escolheu, quais são as disciplinas a serem estudadas, como está o mercado de trabalho dessa profissão) e a diminuir o foco sobre os demais preteridos.

A atividade de Orientação Profissional já era desenvolvida desde o início do século passado. Na Europa, no início do século XX, já se buscava descobrir nas indústrias quais eram os trabalhadores aptos e os inaptos para a realização de determinadas tarefas. No Brasil, essa área surge ligada à Psicologia Aplicada, mais especificamente, ao trabalho de orientação educacional junto a estudantes. Desde o começo, a Orientação Profissional brasileira utilizava-se de testes psicológicos para embasar seu trabalho. Assim, esse campo surge em nosso país atrelado a noção de que o papel do

orientador profissional é o de fazer diagnósticos, prognósticos e indicar, pautado por conhecimentos psicométricos, quais eram as ocupações mais favoráveis para cada pessoa (Sparta, 2003).

Diante dessa realidade, ainda é muito comum encontrarmos pessoas, orientandos, que esperam do orientador profissional uma resposta mágica, objetiva e pronta, que possa-lhes garantir pleno sucesso e felicidade na escolha profissional. Entretanto, acreditamos que essa resposta é impossível de ser dada, pelo menos, quando se entende que o ser humano não tem uma essência estável e sim, é constituído continuamente por meio de processos sociais e culturais. Assim, nos pautamos por uma Orientação Profissional que não se apega a uma proposta psicométrica e sim, que busca possibilidades de intervenção menos opressivas, menos rotularizantes e mais ligadas à realidade das pessoas. Nesse movimento, nos deparamos com o convite ético da Psicologia Escolar crítica.

Em busca de um jeito de fazer Psicologia Escolar com um olhar crítico

A prática do psicólogo escolar esteve, por muito tempo, ligada ao uso de testes psicológicos e estudos quantitativos, que acabavam medindo e classificando as

habilidades e os desempenhos dos alunos. Essa prática acabava por diagnosticar e/ou remediar problemas de aprendizagem, que eram entendidos como próprios dos alunos.

Com o avanço nos estudos da área de desenvolvimento e aprendizagem, Vokoy e Pedroza (2005) comentam que surgiram discursos mais críticos, que problematizavam os fenômenos e ampliavam as discussões no contexto educacional. De forma geral, esses novos ares da Psicologia Escolar buscavam, de forma geral, uma escola mais democrática, em que os alunos pudessem se tornar mais autônomos e críticos (Machado, 2000; Tanamachi & Meira, 2003).

Esse movimento em prol de uma Psicologia Escolar mais crítica se caracteriza, principalmente, por problematizar questões relacionadas ao contexto educacional, que, historicamente, foram entendidas como naturais e próprias dos indivíduos. Meira e Antunes (2003) comentam que uma concepção crítica em Psicologia Escolar, pode ser pautada, entre outros aspectos, por: 1) referenciais teórico-filosóficos e metodológicos da Psicologia, que foram elaborados a partir do Materialismo Histórico Dialético; 2) responsabilidade e compromisso social com a produção do conhecimento científico, de forma a contribuir para a emancipação das pessoas; 3) compreensão

multideterminada dos fenômenos; 4) concepção do homem como um sujeito sócio-histórico; 5) entendimento da historicidade dos fatos humanos, que não são inerentes, mas foram construídos a partir de olhares ao longo da história.

O encontro entre Educação e esse movimento de uma Psicologia Escolar Crítica, tem sido discutido por muitos trabalhos, entre eles, podemos citar os de Tanamachi, Proença e Rocha (2000), Meira e Antunes (2003) e Souza (2007). Essas propostas buscam e propõem práticas alternativas à aplicação e uso de testes psicológicos, atendimentos clínicos na escola, atuação focada no aluno, entre outros.

Buscando possibilidades de intervenção mais criativas para o exercício ético do psicólogo escolar enquanto orientador profissional, encontramos trabalhos na área clínica, como os de Epston, White e Murray (1998), que utilizam cartas como ferramentas de intervenção. Esses autores criaram uma proposta de terapia chamada Terapia Narrativa, uma elaboração construcionista social da prática clínica, baseada na metáfora textual; isto é, eles entendem as narrativas das pessoas como instrumentos culturais, construídos historicamente, que são usados nas interações do dia a dia para dar sentido às experiências. Assim, quando

as pessoas narram acontecimentos, situações ou episódios, elas constroem sentidos, organizam suas relações e agem sobre o mundo. Diante dessa concepção, os autores propõem o uso das cartas terapêuticas como ferramentas para auxiliar seus clientes na re-autoria de suas histórias, num movimento de re-contar a história da própria vida, de uma maneira mais satisfatória, não marcada pelo sofrimento ou pela opressão. Em outras palavras, as cartas são usadas para proporcionar diferentes possibilidades para as pessoas re-significarem suas vidas, criando novas histórias, com diferentes sentidos, que possibilitem novas relações com as pessoas e com o mundo.

Inspirados pela proposta dos autores acima, buscamos adaptar a utilização das cartas terapêuticas da Terapia Narrativa para o contexto de Orientação Profissional, porém como o nosso trabalho não tinha um enfoque terapêutico, mas voltado para Psicologia Escolar, adaptamos a proposta de tal forma que as cartas se tornaram-se uma ferramenta complementar no encerramento dos nossos atendimentos, de maneira a convidar os clientes à reflexividade. Assim, adequamos o uso e o próprio nome desse recurso que foi nomeado como Cartas Reflexivas, pois, a nosso ver, combinava melhor com objetivo do

trabalho que desenvolvíamos. Assim, nesta proposta, buscamos apresentar as Cartas Reflexivas enquanto possíveis instrumentos de intervenção num atendimento de Orientação Profissional.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é apresentar o uso das Cartas Reflexivas como possíveis ferramentas de intervenção para o trabalho de Orientação Profissional tanto individual quanto em grupo. Para isso, buscamos, especificamente, descrever o contexto de utilização dessa ferramenta, refletindo sobre sua utilização nos atendimentos.

Método

Contexto dos atendimentos

Foram realizados dois atendimentos individuais na Clínica Psicológica de uma universidade pública mineira e um grupo de atendimento, contendo inicialmente seis pessoas, num cursinho pré-vestibular alternativo de uma cidade do interior de Minas Gerais. Os encontros individuais totalizaram, em média, oito sessões de uma hora de duração cada, ao longo de dois meses. Por sua vez, os encontros em grupo, com duração de 1 hora e 20 minutos cada,

foram realizados semanalmente, em um total de doze atendimentos. Os clientes atendidos nas duas modalidades eram de ambos os sexos, com idade que variava de 17 a 27 anos. A orientação teórica que influenciou este trabalho foi inspirada pela perspectiva sócio-histórica.

Breve descrição dos participantes dos atendimentos:

Atendimento em grupo

Joana: jovem de 24 anos, secretária, casada, se queixava de problemas de memória e atenção prejudicando sua rotina de estudos, bem como de dificuldades na organização do conteúdo a ser estudado. Descrevia-se como uma pessoa que não conseguia escolher um curso universitário, apesar de se considerar com aptidão para cursos ligados à Arte.

Maria: jovem de 26 anos, funcionária de uma empresa, solteira, chegou ao grupo com a queixa de que não conseguia estudar para o vestibular e de que tinha dificuldades na leitura e na escrita. A participante acreditava que essas dificuldades podiam comprometer-lhe durante a realização da prova do vestibular. Descrevia-se como uma pessoa insegura com relação à escolha

profissional, pois, segundo ela, tinha “limitações” e “dificuldades” de aprendizagem.

Rodrigo: jovem de 28 anos, desempregado, solteiro, que descrevia-se como uma pessoa “tranquila”, que havia deixado o emprego para “ter uma vida melhor”. Buscava com o ingresso ao ensino superior, uma oportunidade para melhorar sua vida. Para o participante, sem o estudo não se pode ter qualidade na vida. Queixava-se de falta de motivação para estudar e de que sentia sono ao tentar ler algum conteúdo.

Atendimentos individuais

Bianca: jovem de 19 anos, desempregada e solteira. Buscou o atendimento de Orientação Profissional a pedido do pai, que queria muito que ela ingressasse numa universidade pública. Queixava-se de não conseguir organizar uma rotina de estudos e de falta de concentração durante as leituras. Tinha dúvidas com relação a qual curso seguir: pensava em talvez fazer o mesmo curso da irmã mais velha (e, assim, agradar seu pai) ou fazer um outro que, na sua opinião, combinaria mais com seu jeito de ser.

Clara: jovem de 17 anos, estudante e solteira. Buscou o atendimento em Orientação Profissional para resolver conflitos com relação a escolha profissional. Queixava-se de ter uma família muito rígida, que lhe exigia muito nos estudos. Tinha receios em realizar uma escolha errada e, assim, decepcionar ela mesma e sua família.

Feita as apresentações das pessoas que participaram de nossos atendimentos, passamos para o entendimento das Cartas Reflexivas como uma possibilidade de intervenção.

Cartas Reflexivas: construindo uma ferramenta de intervenção em Psicologia

Para discutirmos e refletirmos sobre a possibilidade de utilização das Cartas Reflexivas, usamos os relatos dos atendimentos, um caderno de anotações (local em que eram feitos relatos e anotações sobre os encontros individuais e em grupo, descrição de algumas impressões e reflexões) e as cartas escritas para os orientandos profissionais.

Cuidados éticos

Neste estudo os nomes utilizados são fictícios, a fim de preservar a identidade de cada uma das pessoas

atendidas. Os participantes assinaram um termo autorizando a utilização de informações dos atendimentos. De forma geral, respeitou-se todos os procedimentos éticos.

Escrevendo as Cartas Reflexivas: método e intencionalidade

As Cartas Reflexivas foram utilizadas na penúltima ou na última sessão de cada modalidade de atendimento e os clientes após os encontros, poderiam levá-las para casa e refletir sobre os questionamentos e apontamentos que essas traziam. Os nossos objetivos com as cartas eram: a) estimular as pessoas em atendimento a avaliarem a processualidade e os resultados alcançados com o trabalho desenvolvido; b) ajudá-los na construção e no fortalecimento do projeto de vida e na escolha profissional; c) convidá-los a se atentarem para as descrições de si mesmo e as habilidades e aptidões que possuíssem, mas não lhes era claro; d) fortalecer as mudanças conquistadas e percebidas ao longo do atendimento realizado; e e) propor reflexões que lhes ajudassem na manutenção e ampliação destas descobertas e mudanças para outros contextos.

Buscando convidar as pessoas em atendimento a avaliarem o processo de

Orientação, construímos frases que propunham uma reflexão que abrangia o processo do atendimento propriamente dito, porém com um movimento que os convidasse a pensar sobre o futuro, estimulando cada orientando a perceber o que aprendeu durante os encontros e a usar esta aprendizagem em outros momentos da vida.

O que você descobriu sobre si mesma ao longo dos nossos encontros? Que capacidades e habilidades percebeu que antes não se atentava? Como está saindo do grupo? Que mensagens, leva daqui? O que precisa fazer para ampliar as aprendizagens que conquistou durante os atendimentos, para contextos além do grupo? (Parte do parágrafo escrito para Maria na carta construída para o atendimento em grupo).

O que os nossos encontros significaram para você? Como eles podem lhe ajudar durante as reflexões sobre as escolhas da vida?" (Parte do parágrafo escrito para Bianca na carta construída para o atendimento em grupo).

Para fortalecer o projeto de vida e a escolha profissional, bem como para criar um espaço para as pessoas perceberem capacidades e aptidões que lhes ajudassem a ter mais autonomia e segurança na escolha profissional e na preparação para o vestibular, buscamos descrever nossas impressões e o movimento de mudança da pessoa seja no grupo ou no atendimento individual numa dimensão temporal.

Maria, você, por exemplo, no começo do grupo nos deu a impressão de ser forte, uma verdadeira guerreira, decidida, determinada, no entanto, depois de alguns encontros, ficou comentando sobre algumas dificuldades e ficou mais quieta, silenciosa e distante (Parte do parágrafo escrito para Maria na carta construída para o atendimento em grupo).

[...] após algumas conversas no grupo notamos uma outra Maria, agora com um brilho diferente no olhar, com descobertas de recursos – talvez ainda desconhecidos – mais motivada, com vontade, desejos de conhecer seus gostos e lutar pelos seus projetos e sonhos (Parte do parágrafo escrito para Maria na carta construída para o atendimento em grupo).

Aos poucos, notamos que esse Rodrigo “brincalhão” foi dando lugar para um Rodrigo muito disposto a conversar de assuntos sérios. Nos chamou a atenção o quanto você foi assumindo diferentes posturas ao longo dos nossos encontros, principalmente por meio dos “Momentos Culturais. (Parte do parágrafo escrito para Rodrigo na carta construída para o atendimento em grupo).

Assim, vou ficando por aqui com um tom de despedida, mas de alegria por perceber que você, Bianca, parece estar mais segura e autônoma para realizar as suas escolhas. (Parte da carta escrita para Bianca).

Com o intuito de fortalecer as mudanças conquistadas e percebidas ao longo do atendimento, como também estimular a manutenção e ampliação dessas para outros contextos, elaboramos cartas

que tivessem a intenção de compartilhar com os clientes as aprendizagens que havíamos percebido. Além disso, em cada apontamento, utilizávamos perguntas que lhes convidavam a refletir sobre como utilizar o que descobriram sobre eles mesmos em outros contextos.

Com paciência e perseverança, encontramos as respostas que tanto procuramos. Aliás, você já tem começado a encontrar muitas respostas, né? Percebo que você tem aprendido muitas coisas sobre você mesma. Você percebe isso?. (Parte da carta escrita para Clara).

Ficamos pensando que parece que você já andou um tanto do caminho. Um grande pensador dizia: “O caminho se faz caminhando!”. Essa frase faz sentido para você? O que precisa ser feito para você continuar trilhando seu caminho? (Parte do parágrafo escrito para Rodrigo na carta construída para o atendimento em grupo).

O que você descobriu sobre você ao longo dos nossos encontros? Que capacidades e habilidades percebeu em você que antes não se atentava? Como você está saindo do grupo? Que mensagens você leva daqui? O que você precisa fazer para ampliar as aprendizagens que conquistou durante os atendimentos, para contextos além do grupo? (Parte do parágrafo escrito para Maria na carta construída para o atendimento em grupo).

Como pudemos perceber, de forma geral, as cartas procuraram expor situações e acontecimentos dos próprios atendimentos, documentando por meio da

escrita, alguns momentos do trabalho desenvolvido e convidando os orientandos a um exercício de reflexão, de forma que essas lhes ajudassem no processo de escolha profissional.

A seguir, apresentaremos o estilo literário (“a técnica”) que utilizamos na redação das Cartas Reflexivas.

Construindo um estilo literário para as Cartas Reflexivas: dando forma para nossas intenções

Baseando-se nas propostas de Freeman, Epston e Labovits, (2001) e de Epston, White e Murray (1998) para a redação de cartas num contexto terapêutico, utilizamos alguns recursos estilísticos de escrita, que nos ajudaram a alcançar os objetivos que definimos anteriormente. Os recursos literários que utilizamos foram: a) questionamentos e perguntas que convidavam a diferentes possibilidades; b) verbos usados, em alguns momentos, na voz ativa, de forma a posicionar os clientes como agentes de suas escolhas; c) uso do gerúndio para dar ideia de movimento; e d) uso do modo subjuntivo, para não estimular os orientandos à respostas diretas como “sim” ou “não”.

Durante a redação das cartas, utilizamos alguns questionamentos e

perguntas que estimulavam a reflexão e permitiam diferentes olhares para a mesma situação. Isto é, nossa intenção não era dar respostas prontas para as pessoas em nossos atendimentos, nem lhes dar um diagnóstico ou prognóstico, mas estimulá-los a pensar sobre suas vidas e suas escolhas e criar possibilidades diferentes junto com eles.

Às vezes, queremos ter o controle de tudo, mas, tem momentos que não temos o controle de nada ou da maior parte das coisas. Talvez seja mesmo difícil ter controle de tudo, mas talvez também seja necessário aprender que nem tudo está no controle das nossas mãos (Parte da carta para Clara).

Também procuramos empregar alguns verbos na voz ativa, de forma a posicionar as pessoas que atendíamos no papel de agentes de suas conquistas, de seus objetivos, seja o vestibular ou as escolhas. Isto é, tínhamos como foco a busca da autonomia de nossos orientandos.

Como no texto: ‘O vôo da Renovação’, que você trouxe no último encontro, percebemos o movimento de um Rodrigo que se prepara para alçar novos vôos, encontrar outros caminhos, ciente de que algumas mudanças não são tão fáceis, sendo que algumas vezes podem vir acompanhadas de dor. Ficamos pensando que parece que você já andou um tanto do caminho. (Parte do parágrafo escrito para Rodrigo na carta construída para o atendimento em grupo)

O caminho é grande, longo e desconhecido. Mas como você mesmo disse no dia que relacionou a sua vida com o filme “A sete regras do amor”: “Mas o mais importante e maravilhoso é que você escolhe. ‘Eu escolho. E quero saber escolher, mesmo sabendo que não existem nem sete regras para a escolha certa’ (Parte da carta para Clara).

As cartas também contavam com o uso do gerúndio, de forma a produzir uma sensação de progresso e de movimento, que, também, poderia contribuir para dar maior segurança e autonomia para as pessoas de nossos atendimentos de forma que pudessem realizar suas escolhas e seus projetos de vida.

Em alguns momentos lhe achamos disperso, mas com muita vontade de estar no grupo. Parecia que você estava se aquecendo, se preparando para nos apresentar um outro jeito de ser do Rodrigo (Parte do parágrafo escrito para Rodrigo na carta construída para o atendimento em grupo).

Por fim, usamos também o modo subjuntivo, com a intenção de ampliar as possibilidades possíveis de respostas às nossas perguntas. O nosso objetivo ao usar o modo subjuntivo era restringir a utilização de respostas do tipo “sim” ou “não” por parte dos clientes e incentivá-los a refletirem sobre diferentes possibilidades, diferentes futuros possíveis.

Mas aí eu fiquei pensando: quem que a Clara quer ser? Como ela se vê daqui há dez, vinte ou trinta anos? Que profissão

ela gostaria de estar exercendo? Será que pretende estar casada, com filhos? Será que vai querer ter cachorros como bichos de estimação? E hoje, qual é o seu maior sonho, Clara? E o que você tem feito para alcançá-lo? (Parte da carta para Clara).

É importante destacar que acreditamos que não exista um único jeito para se escrever cartas as pessoas num atendimento em Orientação Profissional. Nesta proposta, não temos a intenção de propor uma ferramenta padronizada ou um modelo acético para esse tipo de atendimento. Porém, é importante destacarmos que o recurso estilístico-literário de escrita que utilizamos, teve, claramente, uma intencionalidade definida. Além disso, durante a redação das cartas, procuramos obedecer a objetivos que eram importantes para o desenvolvimento da proposta do nosso trabalho. Vale destacar também que, ao buscamos sustentar nossas metas, procuramos dar a cada uma das cartas, um tom particular que combinasse com as características que percebíamos das pessoas que atendíamos, bem como com as relações que tínhamos com cada um deles. Por exemplo, para algumas pessoas escrevíamos cartas mais formais, para outras, por outro lado, usávamos uma redação mais leve, lúdica. Ou seja, as cartas foram construídas, personalizadas e endereçadas de acordo com a dinâmica das nossas relações pessoais nos atendimentos

e com as características particulares de cada pessoa.

Avaliando o uso das cartas

Nesta proposta, não utilizamos nenhum método de avaliação sistemático para o uso das Cartas Reflexivas em atendimentos de Orientação Profissional, até porque não se trata de uma pesquisa e sim, de um relato de experiência. Entretanto, acreditamos que o compartilhar desse recurso pode ser muito útil para o saber-fazer do orientador profissional.

No trabalho que desenvolvemos em grupo foi elaborada somente uma carta reflexiva (no último encontro) endereçada para os três participantes restantes. Essa carta continha um parágrafo para cada pessoa do grupo. Nessa, buscamos, durante o compartilhar de impressões, resgatar os momentos e os episódios que acreditávamos ser marcantes durante os atendimentos, no sentido de descoberta de recursos, de competências, bem como no sentido de apontar o movimento de mudança dos participantes e estimulá-los a pensarem sobre as aprendizagens que conquistaram. Percebemos, dessa maneira, que o resgate de momentos marcantes teve um efeito interessante no grupo: os participantes ficaram surpresos com os apontamentos trazidos pelas cartas, pois

destacamos algumas características e até recursos que nos pareceu que eles possuíam, como determinação e motivação para alcançar o projeto de vida, bem como coragem, dinamismo, entre outros, por exemplo, e isso, ao ser ouvido por eles, foi entendido como sendo útil no sentido de ajudar-lhes a sentir-se mais seguros e capazes para a realização da prova do vestibular. Uma participante, em específico, que em encontros anteriores havia nos contado que estava desmotivada e sem vontade de estudar, após a leitura da carta, comentou que se percebeu como uma pessoa com capacidades para ingressar em uma universidade pública, pois, antes, ela não estava percebendo alguns recursos que possuía. Outro participante, por sua vez, que, anteriormente, se apresentava como uma “pessoa que não queria muito compromisso com os estudos” ficou entusiasmado quando usamos a descrição de um “garoto brincalhão que também sabia conversar sobre assuntos sérios”. Ou seja, ao redigirmos as cartas, posicionávamos as pessoas que atendemos em lugares antes não conhecidos, contribuindo para construir junto com eles, possibilidades diferentes para se descreverem e, conseqüentemente, agirem.

Nos atendimentos individuais, as cartas também permitiram uma revisão das

intervenções realizadas dando uma maior legitimidade a essas e proporcionando um senso maior de autonomia e emancipação para os orientandos. Isto é, de forma geral, elas criaram condições para facilitar o processo de escolha profissional. Em um dos atendimentos, uma pessoa conseguiu ampliar a discussão da escolha profissional ajudando-lhe em outros contextos de sua vida.

Vale destacar que as cartas nos atendimentos individuais traziam mais informações, propostas de reflexão e questionamentos do que as do grupo, pois eram endereçadas a somente uma pessoa. Cada orientando recebia sua carta e, assim, era convidado a refletir sobre suas questões.

De maneira geral, acreditamos que as Cartas Reflexivas podem ser importantes ferramentas para trabalhar: o autoconhecimento, a escolha profissional, os medos, as influências e pressões familiares e sociais, o mercado de trabalho, entre outros, pois permitem às pessoas em atendimento maior visibilidade e entendimento dessas questões, contribuindo para a construção de diferentes sentidos sobre essas temáticas. Ademais, também é necessário se dizer que a possibilidade de documentar o processo do atendimento (a história) permite maior concretização do

atendimento realizado, e isso contribui tanto para os orientandos, no sentido de perceberem com maior clareza o que foi trabalhado, quanto para o orientador profissional, que pode visualizar melhor o que foi desenvolvido.

Enfim, o uso das Cartas Reflexivas proporcionou a criação de um espaço para que os orientandos fizessem um retrospecto dos atendimentos, sem receber

uma resposta pronta, mágica, pautada por desempenho em testes psicológicos. Na verdade, com as cartas, pudemos compartilhar nossas impressões com os orientandos de uma maneira clara, o que possibilitou, a nosso ver, a criação de diferentes sentidos sobre questões relacionadas ao vestibular e à preparação para o ingresso no Ensino Superior.

Referências

Aguiar, W. M. J., Bock, A. M. M. & Ozella, S. A. (2002). Orientação Profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: A. M. B. Bock., M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. (pp. 163 – 178). São Paulo: Cortez.

Epston, D.; White, M. & Murray, K. (1998). Proposta de uma terapia de re-autoria: revisão da vida de Rose e comentário. In: S. Mcnamee, & K. Gergen, *A terapia como construção social* (pp. 117-139). Porto Alegre: Artes Médicas.

Freeman, J., Epston, D. & Labovits, D. (2001). Elaborar um relato mediante cartas. In: J. Freeman, D. Epston, & D. Labovits. *Terapia narrativa para niños: aproximación a los conflictos familiares através del juego* (pp. 165 - 180). Barcelona: Paidós.

Lassance, M. C. P. & Sparta, M. (2003). A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1/2), 13 – 19.

Lucchiari, D. H. P. S. (1992). O que é Orientação Profissional? – uma nova proposta de atuação. In: D. H. P. S. Lucchiari (org.) *Pensando e vivendo a Orientação Profissional*. (pp. 11 – 16). São Paulo: Summus, cap. 1. Recuperado em 22 de março, 2009, de : <http://www.bvs-psi.org.br>

Meira, M. E. M. & Antunes, M. A. M. (Orgs.) (2003). *Psicologia Escolar: Práticas Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Souza, B. P. (Org.) (2007) *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Souza, M. P. R., Tanamachi, E. & Rocha, M. L. (Orgs.). (2002). *Psicologia e Educação: Desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sparta, M. (2003). O Desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1/2), 1-11.

Vokoy, T. & Pedroza, R. L. S. (2005). Psicologia Escolar em educação infantil: reflexões de uma atuação. *Psicologia escolar e educacional*, 9 (1), 37-46.

Os autores:

Rafael Santos Carrijo, Avenida Mato Grosso, 1942, Sta Terezinha, CEP: 38440-046, Araguari-MG, rafael_carrijo@yahoo.com.br

Carmen Lúcia Reis, Av. Pará, 1720 Bloco 2C Sala 17 – Campus Umuarama, CEP: 38400-902, Uberlândia – MG, reiscarmenpsi@gmail.com.